

DOSSIÊ RELIGIÕES, ESPIRITUALIDADES E EDUCAÇÃO

doi: [10.25247/paralellus.2023.v14n35.p619-633](https://doi.org/10.25247/paralellus.2023.v14n35.p619-633)

O LUCRO ACIMA DE TUDO: AMÓS E A DEFESA DOS POBRES

PROFIT ABOVE ALL: AMOS AND THE DEFENSE OF THE POOR

LA GANANCIA POR ENCIMA DE TODO: AMOS Y LA DEFENSA DE LOS
POBRES

*Luiz Alexandre Solano Rossi**

*Wilian Lino Orcesi***

RESUMO

O livro do profeta Amós chama a atenção para a defesa dos pobres e apresenta uma estrutura de poder político e religioso que não media quaisquer esforços para planejar métodos corruptos e violentos, a fim de explorar e expropriar os mais fracos. O presente artigo pretende abordar quem são esses pobres, quem são os que praticam a injustiça, e como o profeta Amós exerceu seu profetismo denunciando as iniquidades que tinha como finalidade o lucro.

Palavras-chaves: Amós; pobres; injustiça; lucro.

ABSTRACT

The book of the prophet Amos calls attention to the defense of the poor and presents a political and religious power structure that did not measure any efforts to plan corrupt and violent methods in order to exploit and expropriate the weakest. The present article intends to address

* Doutor em Ciências da Religião pela UMESP, pós-doutor em História Antiga pela UNICAMP e em Teologia pelo Fuller Theological Seminary. Professor no mestrado e doutorado na PUCPR e no Centro Universitário Internacional (UNINTER). E-mail: luizalexanderossi@yahoo.com.br.

** Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUC/PR. Professor pesquisador da Faculdade Católica de Rondônia, FCR. Sacerdote da Diocese de Guajará-Mirim/RO. E-mail: orcesi@hotmail.com.

who these poor are, who the perpetrators of injustice are, and how the prophet Amos exercised his prophetism in denouncing the iniquities that were aimed at profit.

Keywords: Amos; poor; injustice; profit.

RESUMEN

El libro del profeta Amós llama la atención sobre la defensa de los pobres y presenta una estructura de poder político y religioso que no medía esfuerzos para planear métodos corruptos y violentos con el fin de explotar y expropiar a los más débiles. El presente artículo pretende abordar quiénes son estos pobres, quiénes son los autores de la injusticia y cómo el profeta Amós ejerció su profetismo al denunciar las iniquidades que tenían como objetivo el lucro.

Palabras clave: Amós; pobres; injusticia; ganancia.

1. INTRODUÇÃO

O chamado de Deus é algo interessante e ao mesmo tempo emblemático, pois, geralmente, não se restringe a apenas um critério para ser realizado. Não leva em consideração o cargo que ocupa na sociedade ou a condição social o qual vive. Amós se faz migrante, ao sair de sua terra, que ficava ao sul de Jerusalém, numa localidade chamada Técuá. Guiado por Deus para ver a realidade do pobre, e fundamentado na sua experiência divina, lança sua crítica a um sistema político e religioso que trai os princípios fundamentais à vida que Deus lhe mostrara em sua própria história de libertação.

O pouco que se sabe sobre Amós é o que ele mesmo expressa em seu livro. Era pastor de ovelhas e plantador de sicômoros (Am 7,14). Em sua obra ele expressa uma grande familiaridade com a vida rural, como o conhecimento das estações das chuvas, os perigos com os animais selvagens entre outros como demonstra Costa (2012):

As suas figuras falam-nos da altura dos cedros, da resistência dos carvalhos (Am 2,9), ao carro carregado com os feixes (Am 2,13) à chuva primaveril que rega o campo e deixa seco o do vizinho (Am 4,7), a nuvem de gafanhotos que destrói a colheita (Am 7,1-3), a seca que queima a terra, a ferrugem e ao carbúnculo que esterilizam os jardins e as vinhas (Am 4,9), aos frutos maduros (Am 8,2) [...] Ele conhece o rugido do Leão da estepe (Am 3,4) (COSTA, 2012, p. 6).

Por conhecer a vida rural, tudo leva a crer que o profeta era um camponês de vida simples e que lutava diariamente, exercendo diversas atividades no campo conforme as necessidades exigiam. Rossi (2018,) acredita que Amós era esse tipo de trabalhador: “Podemos pensar que Amós fosse uma pessoa pobre, com vários empregos a serviço de outros para sobreviver, ou seja, trabalhava conforme as oportunidades iam aparecendo” (ROSSI, 2018, p. 51).

Schwantes (2004) explora as atividades do profeta, o que leva a crer que Amós seria um “boia-fria” (SCHWANTES, 2004, p. 51), alguém que trabalhava junto aos pobres camponeses e, pelo número de profissões que ele exercia, daria esses indicativos de sua classe econômica. Depreende-se, portanto, que Amós era um profeta chamado desde o campo e, assim, não tem tradição profética ou pertença a alguma escola.

Ele é chamado e enviado para ser a voz de Deus mediante as injustiças, saindo do reino de Judá para denunciar as mazelas contra os pobres no reino de Israel Norte. Por isso, podemos considerá-lo como o homem do conflito, pois atento aos sinais do seu tempo, não teme de levar a mensagem de libertação de um Deus que ama, e onde há um ser humano oprimido, o conflito é estabelecido, pois a voz de Deus incomoda os que praticam a injustiça contra o próximo.

2. ESTRUTURA DE PODER SOB O REINADO DE JEROBOÃO II

Sabemos que o profetismo de Amós teve sua atuação no século VIII a.C., durante o reinado de Jeroboão II no reino de Israel Norte. Vale ressaltar que neste período Israel era dividido em dois reinos, Judá ao sul e Israel ao norte, sendo este mais forte economicamente, e vivia um período de prosperidade. Porém para compreender a crítica social do profeta Amós e sua defesa aos pobres devemos levar em consideração a formação do povo de Israel, as suas etapas de constituição e como esse povo chegou à monarquia, que criou uma divisão de classes, de pobres e ricos, sobretudo sob o reinado de Jeroboão II.

Sob o regime de Jeroboão II (783-743 a.C.), Israel Norte teve um grande avanço na área econômica, como também a conquista de novos territórios e o domínio da rota comercial, em um período que as grandes potências da época estavam em declínio, como o Egito e Damasco, por exemplo. Kaefer (2015) escreve sobre esse belo

momento da vida econômica de Israel: “A economia se intensifica com a entrada de Israel no comércio internacional, exportando principalmente azeite e vinho em grande quantidade para a Assíria e para o Egito” (KAEFER, 2015, p. 84). Silva (2002, p. 15), por exemplo, utiliza a expressão “*belle époque*”, para ilustrar o grande desenvolvimento econômico, desde a agricultura como a produção de tecidos e tinturas. O que merece destaque é que neste reinado a questão econômica ia muito bem. Mas como era a situação da população?

O livro do profeta Amós destaca como era a vida do povo de Israel. De um lado uma parcela da população vivia no luxo. Conforme Sicre (2015), essa realidade é confirmada pela arqueologia, que revela construções luxuosas, sendo que, nesse período na história de Israel Norte, um grupo social desfrutava de riquezas e poder. Por outro lado, formava-se também outro grupo composto de pobres que eram explorados: “O livro de Amós confirma esse luxo e progresso, acompanhado, por um lado, de numerosas injustiças, agudos contrastes entre ricos e pobres, corrupção do direito, fraudes no comércio, etc.” (SICRE, 2015, p. 113).

3 QUEM ERAM OS POBRES?

Em Am 8,4 lemos: “Ouvi isto, vós que esmagais o indigente, e quereis eliminar os pobres da terra...”, uma urgente questão se levanta: a quem realmente o profeta se refere? Esses pobres seriam os órfãos e viúvas? Ou se refere aos que trabalham na terra e que estão sendo explorados?

Aprofundando sobre a identidade desses pobres, percebe-se que o profeta se refere uma categoria de pessoas que ainda possuía alguma posse, porém estavam sendo explorados por um grupo de pessoas que não mediam esforços para manter o sistema de corrupção e espoliação dos mais fracos.

A análise dos verbos “ouvir”, “esmagar” e “eliminar” demonstra a gravidade do problema social referido pelo profeta. O v. 4 quebra a sequência literária dos versículos 1-3, ou seja, da visão de um castigo causado pela corrupção de Israel (simbolizado no “cesto de figo”), para a realidade a qual o oráculo se dirige de modo enfático aos que pretendem “esmagar e eliminar” os pobres. Gutiérrez destaca essa transição do oráculo da “visão” para o oráculo da “audição” e lança os conceitos

fundamentais inerentes à profecia: “O primeiro verbo – “ouvir” (v.4) – coloca o leitor em uma nova situação: passa-se de uma visão a uma audição. Visão e audição, elementos fundamentais da profecia, agora são vinculados à descrição da mensagem” (GUTIÉRREZ, 2012, p. 126).

Na sua análise, o verbo “ouvir” está ligado aos verbos “esmagar e desaparecer”, o que remeteria à ação dos violentos e, conseqüentemente, àqueles que sofrem a violência, ou seja, os pobres são esmagados/triturados. O verbo se relaciona com o fato de que os ossos são esmagados e triturados, expressão máxima da violência que pretende eliminar os pobres da face da terra. Na referência “terra”, alguns autores acreditam que indicaria uma categoria de pessoas que viviam da terra, ou seja, o camponês.

Em paralelo com Am 2,6-8 que diz: “Por que vende o justo por dinheiro e o indigente por um par de sandálias”, percebe-se os abusos praticados em seu tempo, resultando no empobrecimento, na injustiça e violência. A expressão “par de sandálias” pode se referir a um processo legal de transmissão do direito à propriedade. A Bíblia de Estudo Almeida Revista e Atualizada traz um comentário que vai ao encontro com que já foi exposto: “Os ricos vendiam como escravos aqueles pobres que lhes deviam quantias insignificantes. A menção das sandálias poderia evocar o costume de jogar um sapato sobre um terreno em sinal da tomada de posse”. Parece que os pobres, a partir desta perspectiva, não se referem apenas aos que trabalham no campo, mas também a outras classes trabalhadoras, que se tornam mercadorias pelo endividamento junto aos comerciantes.

Sobre a interpretação de Am 2,6-8, Barré (2018) acredita que o profeta se refere à escravidão humana por dívidas e que isso era uma prática comum, e, neste caso, o “justo” vendia suas propriedades e a si mesmo, tornando-se escravo. Quanto à expressão “por um par de sandálias”, ele apresenta duas hipóteses: que os pobres eram imprestáveis diante dos ricos israelitas ou que os pobres eram vendidos por pequenas quantias. O autor não faz nenhuma menção à posse da terra pelos ricos:

Ser vendido para a escravidão como pagamento de dívidas não era incomum no Oriente Próximo (cf. 2Rs 4,1). Israelitas empobrecidos caíam cada vez mais em débito com os ricos proprietários e acabavam tendo que vender suas terras e até mesmo a si próprios. Por um par de sandálias: isso pode significar (1) que para os ricos israelitas, os pobres não eram mais do que imprestáveis ou (2) que os pobres são

vendidos por estarem em débito por uma pequena quantia (B. Lang, AT 31 [1981] 482-88) (BARRÉ, 2018, p. 442).

Como já foi exposto anteriormente, o período histórico no qual o profeta Amós exerce seu ministério profético é marcado por fortes contrastes sociais, ainda que, sob o reinado de Jeroboão II, a região passasse por um período de paz em relação aos países vizinhos e desfrutasse de prosperidade econômica. Em todo o livro de Amós permeia esse contraste entre ricos e pobres, miséria e abundância.

Os injustiçados parecem pertencer a diversas atividades da economia, trabalhadores tanto do campo quanto da cidade. Sicre (2015) faz uma lista dessas vítimas injustiçadas: *'ebyôn* (necessitado), *dal* (pessoa de escassos bens), *'asuq* (explorado), *'anaw* (humilde), *saddîq* (justo), *na'arâ* (escrava). Desta lista de vocábulos de pessoas que sofrem violência, o profeta dá uma atenção especial às seguintes palavras: *'ebyôn* (2,6; 4,1; 5,12; 8,4.6), *dal* (2,7; 4,1; 5,11; 8,6), *'anaw* (2,7; 8,4), *saddîq* (2,6; 5,12), dando a entender que essas seriam as principais vítimas da injustiça. Mas seriam todas elas da mesma classe social?

Ao que parece, o profeta Amós fala das diversas formas de injustiças, mas, de modo geral, concentra sua atenção em uma classe específica. O indício disso seriam os termos *ebyôn* (necessitado), *dal* (pessoa necessitada de bens), *'anaw* (humilde) e *saddîq* (justo) que, para Sicre (2015), estão relacionados entre si: “*Ebyôn* aparece em paralelo com *saddî* (2,6; 5,12), *dal* (4,1; 8,6) e *'anaw* (8,4); *dal* aparece em paralelo com *'anaw* (2,7) e *'ebyôn* (4,1; 8,6); *'anaw* em paralelo com *dal* (2,7) e *'ebyon* (8,4); *saddîq* em paralelo com *'ebyôn* (2,6; 5,12)” (SICRE, 2015, p. 189).

Mas parece que o profeta Amós não se refere diretamente a essa categoria de pessoas que vivem em situação tão deplorável, como o caso dos órfãos, viúvas ou mesmo mendigos. Seguindo ainda a reflexão de Sicre (2015), os termos aqui estudados se referem a uma categoria de pessoas que não são desprovidos de bens, sendo sugados, esmagados, espoliados e correm o risco iminente de perder tudo o que possuem pelas pesadas dívidas, e de modo especial em Am 8,4-8, que se refere à exploração dos camponeses realizados pelos comerciantes, que lucram de forma desonesta fraudando as balanças: “Parece que Amós se preocupa especialmente com determinado grupo social, que podemos identificar com camponeses pobres,

tendo apenas o suficiente para viver e em sério risco de perder casas, terras e liberdade” (SICRE, 2015, p. 191).

Outro autor que corrobora com essa tese é Schwantes (2004). Ele procura identificar também as vítimas da injustiça a partir da exploração econômica, da agressão às pessoas indefesas, daqueles escravizados pela corrupção da justiça. A partir dessas observações, o autor não tem dúvidas que todas essas ações contra as pessoas são de caráter social, o qual nem o templo do Reino do Norte escapam de contribuir com tal sistema. Assim o profetismo de Amós tem como objetivo central e prioritário a crítica social. Mas quem são essas pessoas que sofrem tamanho terror?

Schwantes (2004) procura identificá-los a partir dos textos paralelos, a exemplo de Sicre (2015). Os verbetes referidos aos pobres, encontrados em Am 2,6-7; 4,1; 5,11.12; 8,6, são tratados como sinônimo, portanto, refere-se a um mesmo grupo social que sofre vários tipos de violências, desde a corrupção no judiciário ao comércio fraudulento.

Para determinar de fato quem são essas pessoas, ele destaca três verbetes usados com mais frequência pelo profeta: *'ebyon*, (pobre ou aquele que tem necessidade); *dal* (fraco ou magro) e *'ani* (oprimido). Cita ainda o verbe *sadiq*, que seria “o justo, o solidário”, aquele que não teme os tribunais para defender os temas mais caros para Israel, isto é, o direito e a justiça.

A partir destes três verbetes, Schwantes (2004) busca identificar quem são os pobres, os fracos/magros e os oprimidos que Amós se refere. Por eliminação, ele não identifica essas pessoas como mendigos, nem escravos, pois os textos bíblicos indicam que eles têm alguns bens e estão sujeitos a se tornarem escravos pelas dívidas; ele também não identifica como pessoas da cidade, pois a ameaça que o profeta Amós faz a cidade em Am 3,3-4 ou Am 6,8-10 é de forma genérica, e tem ausência de pessoas que viviam a pobreza como os órfãos e a viúva.

O autor identifica nos textos de Am 2,6-7 e 5,12 uma questão de jurisprudência, que era concedido aos homens livres, proprietários de terras e as questões jurídicas eram resolvidas no “portão”, indicando que esses pobres ainda tinham o exercício desse

direito, apesar de sua triste condição social e de domínio dos ricos os quais os marginalizavam.

Assim, Schwantes (2004) identifica nestes pobres, fracos/magros e oprimidos, o lavrador, mesmo reconhecendo a imprecisão da tradução destes verbetes ao se referir ao camponês, mas as violências que esses sofrem junto ao portão, ou diante dos comerciantes, os identificam nesta categoria. Na denúncia dirigida aos comerciantes em Am 8,4-6, relata a situação ao qual vive essa categoria de pessoas:

Os “pobres” aparecem como fregueses principais desses vendedores e gananciosos. Espoliados e empobrecidos tornam-se presa fácil, quando necessitam adquirir de terceiros sua comida de cada dia. São aniquilados (v.4), transformados em mercadoria (v.6), em escravos. A escravidão dos lavradores deve ter abalado nosso profeta de maneira muito intensa (SCHWANTES, 2004, p. 93).

Pretende-se transformar o camponês de Am 8,4-8 em mercadoria, um produto passível de comercialização, que Schwantes (2004) entende como “preços de mercadoria chamada lavrador escravizado”, e gerando conseqüentemente o seu extermínio: “essa vida dos pobres é não vida”. É uma trajetória de dores e ofensas, em cujo topo está à própria eliminação do camponês, massacrado pela extorsão de seus produtos, pela escravidão de sua família e dele mesmo, por sua expropriação e mercantilização. E, de fato, no fim do túnel da opressão, Amós denuncia o próprio genocídio: eliminam os oprimidos da terra (Am 8,4).

Bonora (1983), mesmo sendo mais sucinto em sua reflexão, aborda também esse tema de quem são os pobres. Destaca que a crítica do profeta Amós nunca é individual, com exceção de Amasias, sacerdote do templo de Betel, mas sempre fala de grupos e suas atitudes diante das condições sociais às quais o pobre enfrenta. Assim, ele destaca quem é aquele que sofre:

O pobre não está sem nada: pode adquirir trigo (Am 8,4-5). O indigente possui trigo (Am 5,11), é um agricultor. Quando se fala de pobres, indigentes ou humildes, Amós pensa em uma camada social de pequenos agricultores. De fato, não cita as viúvas e os órfãos. O pobre é um “justo” (Am 2,6; 5,12) como os outros, isto é, um cidadão com plenos direitos e dignidade humana (BONORA, 1983, p. 83).

Assim, identificado quem são os pobres, Bonora (1983) frisa a dureza das palavras de Amós contra quem explora a condição dos “pequenos proprietários” e, como já

mencionado por Sicre (2015) e Schwantes (2004), esses se tornam escravos por ninharias, perdendo sua condição essencial, de cidadãos livres por dívidas ridículas:

Eles transformam o direito em veneno, e lançam por terra a justiça (...). Eles odeiam aquele que repreende a porta e detestam aquele que fala com sinceridade. Por isso: porque oprimis o fraco e tomais dele o imposto de trigo, construístes casas de cantaria, mas não as habitareis; plantastes vinha esplêndidas, mas não bebereis o seu vinho. Pois eu conheço vossos inúmeros delitos e vossos enormes pecados! Eles hostilizam o justo, aceitam suborno, e repelem os indigentes à porta (Am 5,7.10-12).

Dessa maneira, os autores aqui pesquisados identificam o pobre sendo o camponês, que é esmagado, e sua condição é de alguém que foi retirada a dignidade, pois essa foi usurpada pelos poderosos.

4 QUEM ERAM OS QUE EXPLORAVAM?

Quando Amós fala do explorado, ele o identifica com as palavras já mencionadas anteriormente como “pobres”, “fraco”, “miserável”, “indigente”, “desvalido”, etc. Os exegetas identificam-os com a classe camponesa. Apesar da imprecisão da tradução desses adjetivos, é possível reconstituir, nas palavras do profeta Amós, que ele se referia a essa categoria de pessoas.

O mesmo ocorre com os culpados pela injustiça: não há uma crítica nominal do profeta, com exceção ao sacerdote Amasias, pois, ele não cita nomes e nem a posição que tais pessoas ocupavam dentro dessa elite econômica. O certo é que os exploradores fazem parte da classe alta, e detinham o poder político e econômico, como expressa o profeta nos seguintes textos:

Não sabem agir com retidão, - oráculo de Iahweh – aqueles que amontoam opressão e rapina em seus palácios (Am 3,10);

Ouvi esta palavra, vacas de Basã, que estais sobre o monte de Samaria, que oprimis os fracos, esmagais os indigentes e dizeis aos vossos maridos: “trazei-nos o que beber” (Am 4,1);

Por isso: porque oprimis o fraco e tomais dele um imposto de trigo, construístes casas de cantaria, mas não habitareis; plantastes vinhas esplêndidas, mas não bebereis o seu vinho. Pois eu conheço vossos inúmeros delitos e vossos enormes pecados! Eles hostilizam o justo, aceitam suborno, e repelem os indigentes a porta (Am 5,11-12);

Eles estão deitados em leitos de marfim, estendidos em seus divãs, comem cordeiros do rebanho e novilhos do curral (Am 6,4);

Vós que dizeis: “Quando passará a lua nova, para que possamos vender o grão, e o sábado, para que possamos vender o trigo, para diminuirmos o efá, aumentarmos o siclo e falsificarmos as balanças enganadoras (Am 8,5).

Os versículos acima expressam a categoria de pessoas que provocam a injustiça, que vivem em palácios cercados de luxo, que desfrutam da boa vida com bebidas e comidas, que utilizam de sua posição para o suborno da justiça e dominam, de forma especial, o comércio, utilizando de métodos desonestos para obter mais lucros e escravizar o explorado. Mas quem seriam eles de fato? Seriam funcionários que ocupavam altos cargos, ou a classe alta, ou outro grupo da elite?

Para Sicre (2015), os culpados pela injustiça se encontram dentro de Israel. Apesar dos oráculos atribuírem a Judá e Israel, as transgressões contra o povo, de modo especial em Am 2,6, afirma Sicre (2015) que não é possível atribuir a toda população de Israel tal culpa, pois a maioria é vítima de um grupo menor, e que esses pecados são cometidos em Israel, em uma sociedade dividida em classes, e aqueles que têm o poder exploram, corrompem, e se enriquece à custa dos empobrecidos.

Am 8,5, por exemplo, apresenta alguns indicativos de um grupo social que explora os mais fracos. A estrutura desse versículo apresenta-se mais elaborada, numa composição poética, e parece ser o centro da acusação (com o v. 6) que o profeta denuncia. Merece destacar os paralelos “lua nova” com o “sábado” e “diminuir o efá” com e “aumentar o siclo”, referindo-se a duas ações praticadas por pessoas que detém o poder e se irritam com o dia sagrado, querendo eliminá-lo para voltar a fazer a falsificação das balanças e praticar os seus crimes. Schökel e Diaz (2018) afirmam que o profeta concentra sua crítica no comércio agrícola, e que tal atividade era sempre vista com desconfiança em Israel e seus métodos não conhecem o limite da exploração contra o próximo:

Em metamorfose apresenta-se o problema fundamental do sábado, ou seja, a tensão entre o trabalho utilitário, indispensável para o sustento, e o descaso, a festa, não menos necessários para a vida humana. Para estes comerciantes, o dia de festa é a interrupção do negócio, perda. No sábado oficial tratam-se especialmente das tarefas de culturas agrícolas (recorde-se a analogia do alqueive sabático ou

jubilar); não sendo o comércio produtivo (na concepção daquele tempo), os comerciantes se encarregam de torná-lo produtivo, proveitoso para eles, a custa do próximo; principalmente, à custa dos necessitados. Desse modo a impaciência com a festa, junta-se a desapiedada perseguição do negócio [...] por qualquer meio: qualidade inferior (farelo), peso escasso, aumento dos preços” (SCHÖKEL E DIAZ, 2015, p. 1018).

Gutiérrez (2012), por sua vez, chama a atenção para a centralidade deste versículo, dentro da temática da denúncia e observa que, dentro da estrutura, é um texto muito mais elaborado, meditado, pois detalha as artimanhas usadas pelos comerciantes para pôr em prática sua proposta de corrupção e aniquilamento do pobre: “Fraudes muito mais intensificadas e sofisticadas com o uso de barras torcidas nas balanças, descritas na frase final, sentença conclusiva que contém a descrição das armadilhas utilizadas pelos comerciantes” (GUTIÉRREZ, 2012, p. 127).

Schwantes (2004) busca identificar os causadores do sofrimento do povo a partir das ameaças proferidas pelo profeta. Na lista dos ameaçados, além de Amasias, o único citado nominalmente, estão os comerciantes (Am 8,4-8), os juízes (Am 2,6 e 5,12) e o exército, sendo amplamente citado (Am 1,3.6.23; 2,7.14-15; 3,9-11; 5,1-3; 6,1-3.8-10.13-14;9,10), que na sua reflexão faz parte de um conjunto de apoio entre as diversas instâncias de poder e se unem para a prática da injustiça:

Vimos que diversos grupos sociais são atingidos pelas profecias de destruição de Amós: sacerdotes, comerciantes, juízes, donos de escravos, elite da capital e, em especial, militares. São afrontadas as pessoas que vivem em ouro, luxo e suntuosidade. Todavia, esses ameaçados encontram-se não só na cúpula do poder (elite da capital Samaria, sacerdotes como Amasias, comandantes militares), mas também nos povoados e vilarejos camponeses (juízes, comerciantes, donos de escravos) (SCHWANTES, 2004, p. 62).

Chama a atenção à observação de Schwantes (2004) de que os causadores da opressão ao povo, passa pelo tripé do poder “capital, exército e templo” e que, nas ameaças do profeta, se refere a essa estrutura de poder como Israel (da mesma forma que Sicre já havia observado que a expressão “todo Israel” se refere a uma elite de poder e não todo o povo de Israel o qual é vítima). As ameaças apontam para a destruição e ruína destas três esferas de poder, que tem como centro os governantes das cidades e, sobretudo, o rei Jeroboão II como principal articulador dessa estrutura.

É a ele que o profeta é acusado de ameaçar: “Amós conspira contra ti, no seio na casa de Israel: a terra não pode mais suportar todas as suas palavras” (Am 7,10b).

Os causadores da desgraça contra o pobre têm sua origem na esfera do poder a partir dos governantes, atrelados ao templo de Israel Norte e as cidades, que, por sua vez, se estende aos juizes, ao exército, aos comerciantes e donos de escravos, que abusam dessa estrutura para o exercício dos interesses das elites de poder, de dominação e de riqueza.

5 A DEFESA DO POBRE

Em todo livro do profeta Amós expressa a ideia de como Deus se importa com as pessoas, sobretudo aquelas que estão sujeitas à opressão. Diante de um poder religioso e político corrompido pela riqueza, Amós se torna o grande defensor do povo explorado, sendo a voz dos que não podem expressar seu sofrimento e condenando veementemente a violência a que estão sujeitos.

O fundamento teológico dessa defesa ao pobre, expresso no livro do profeta Amós, tem como chave de leitura o conceito de justiça. Alguns pesquisadores atribuem-lhe o título de “profeta da justiça”, tais como: Bonora (1983); Sicre (2015); Schökel; Diaz (2015); Schwantes (2004). Bonora (1983) assim se expressa: “Amós foi definido como o “profeta da justiça”. De fato, ele lança seus anátemas contra todas as formas de injustiça social” (BONORA, 1983, p. 23). O contexto histórico marcado pela expansão do Reino do Norte, sob o comando de Jeroboão II, tendo como consequência a prosperidade econômica e a formação de uma alta elite esbanjadora e exploradora, fez surgir o “rugir do leão” contra as injustiças sofridas pelos pobres.

Mas para compreendermos melhor a palavra “justiça”, devemos ater-nos a seu significado na cultura bíblica, e como o profeta Amós a empregou em seu ministério profético. Mckenzie (2003) expõe a dificuldade de expressar em uma só palavra a ideia de justiça no Antigo Testamento: “Não há um único termo hebraico para expressar o conceito de justiça; o significado de justiça está contido nos conceitos de juízo e retidão” (MCKENZIE, 2003, p. 525). Wolff (1984) comenta que a relação entre Israel (elite) e Deus se tornou improdutiva com seus atos de exploração, que, no centro da crítica do profeta Amós, está esses conceitos caros para história de Israel,

o direito e a justiça, recordando os feitos de Deus que entra na história de seu povo, para libertar da escravidão do Egito. No contexto histórico do século VIII a.C., esses conceitos primordiais para o bem-estar do povo estavam sendo ignorados: “Assim, pois, a justiça significa mais que a conduta do indivíduo nesta ordenação, e a conduta recíproca na vida da comunidade. Se põe aos homens em relação uns com os outros (WOLFF, 1984, p. 55.).

Por fim, o conceito de justiça social no livro do profeta Amós está intensamente relacionado com o conhecimento de Deus, que implica no pacto pela vida do próximo e pela vida em uma sociedade justa. Certamente quando Amós se reunia com seus companheiros na lida do campo ou nos momentos de celebração, esse conceito de Deus, todo poderoso que libertou o povo do Egito, devia fazer parte de seus comentários e reflexão.

Isso certamente permitiu ao profeta uma base de conhecimento para ler a realidade. Uma experiência prática que o fez profetizar e denunciar as mazelas cometidas pelas elites e poderosos de seu tempo contra o pobre. Para o profeta do sul, na base da exploração, havia a falta de Deus, e o templo já não mais refletia as ações de libertação, apenas servia como um instrumento aliado ao poder para alienar e oprimir, em nome de seus interesses e da classe social que administrava o templo. A defesa do pobre, diante de um sistema de poder violento e corrupto, está encravada no coração do profeta que não teme as consequências de suas ações, pois o bem mais precioso aos olhos de Deus são as vítimas do lucro.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O profeta é o homem de Deus. É algo novo que ocorre na sua vida, e que Deus o irrompe desde o início, pois o profeta descobre a cada dia a imagem inesgotável do Divino. O profeta não é escolhido para desfrutar das maravilhas de Deus ou mesmo de gozar de privilégios, mas ao contrário, ele é a voz de Deus diante da sociedade, para cumprir uma missão ao seu povo. É aquele que vai agir no meio social, ora recebendo apoio, ora recriminado pela sociedade, dependendo dos interesses em jogo. Por isso a palavra profética mete medo, inclui risco e não há garantia: “Os

mensageiros experimentaram-no em sua vida. Sofreram. Foram martirizados” (MESTERS; SCHWANTES, 1989, p 24).

Mais do que nunca a Igreja deve assumir sua vocação ao profetismo. A profecia da Igreja no mundo deve levar em conta a globalização, o qual gera uma nova forma de dominação de ordem econômica, e novos pobres, atraída pela ilusão do consumismo, e que a própria Igreja jamais deve estar adormecida em sua ação profética. Diante dessa realidade, Comblin (2008) afirma: “Como ocorreu nos séculos passados, os profetas vão levantar-se do meio dos pobres – único lugar em que puderam salvar a sua liberdade; lugar onde está sendo vivida e sofrida a dominação imposta pelos poderosos. Como e onde estar no mundo os pobres? É justamente isso que os profetas vão descobrir” (Comblin, 2008, p. 261).

A vocação da Igreja é ser profeta, ir ao encontro dos que está à margem da sociedade, dar força para que sua voz possa ter eco na sociedade, e por meio de suas lideranças darem esperança aqueles que só têm sonhos, pois essa esperança foi negada diante da dominação. A defesa do pobre se torna assim no seio da Igreja um ato irrevogável, como o “rugir do leão” (Am 3,8)

Grande exemplo e testemunho vem do Papa Francisco, o mensageiro da presença na Igreja no mundo, e em seus escritos ou homilias não se cansa de mencionar uma Igreja que saia de seu mundo e o enfrente os desafios da realidade: “[...] prefiro uma Igreja acidentada, ferida por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (EG n 49).

Falar de Amós e da defesa dos pobres é mergulhar nos mistérios de Deus que tem como a maior riqueza a vida, e essa deve ser respeitada, amada, em sua plenitude. Onde existe alguém que sofre, a profecia se faz presente por meio de uma Igreja comprometida com os pobres, pois esta é a advogada dos sem voz, e que diariamente sofre todo tipo de violência. A profecia de Amós e sua ação é uma grande inspiração para viver a prática do evangelho e sua justiça, em um mundo em que o lucro é o bem mais precioso para aqueles que têm no o poder econômico seu único deus, e parece estar disposto a tudo para sacrificar vidas neste altar da maldição. Neste caso, a Igreja deve ser sinal de contradição, na defesa da vida dos pobres.

REFERÊNCIAS

- BARRÉ, L. Michel. Amós. In: BROWN, Raimund E; FITZMYER Joseph A; MURPHY, Roland E (org). *Novo Comentário Bíblico São Jerônimo. Antigo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2018. p. 437-449.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2000.
- BÍBLIA SAGRADA (A). Revista e atualizada no Brasil. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.
- BONORA, Antônio. *Amós, o profeta da justiça*. São Paulo: Paulinas, 1983.
- COMBLIN, José. *A profecia na Igreja*. São Paulo: Paulus, 2008.
- COSTA, José Joaquim Mendes da. *Ensaio sobre: "Amós e a Justiça Social"* Universidade Católica Portuguesa Faculdade de Teologia Mestrado Integrado em Teologia (1º Grau Canónico) Lisboa 2012. Disponível em: <https://www.academia.edu/35584824/Universidade_Cat%C3%B3lica_Portuguesa_Faculdade_de_Teologia>. Acesso em: 15 jun. 2020.
- EXORTAÇÃO APOSTOLICA DO SUMO PONTIFICE FRANCISCO. *A Alegria do Evangelho*. São Paulo: Loyola. 2013.
- GUTIÉRREZ, Carlos Mario Vásquez. *Achicar el efa y aumentar el Shequel: Poesía bíblica a partir de Amós 8,1-14*. Revista De interpretación bíblica latinoamericana (RIBLA), Nº. 71. QUITO, ECUADOR 2012/1. Disponível em: <<https://www.centrobiblicoquito.org/images/ribla/71.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2021.
- KAEFER, José Ademar. *A bíblia, a arqueologia e a história de Israel e de Judá*. São Paulo: Paulus, 2018.
- KESSLER, Rainer. *História social do antigo Israel*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. São Paulo: Paulus, 2003.
- MESTERS, Carlos; SCHWANTES, Milton. *Profeta: Saudade e Esperança*. Belo Horizonte, CEBI, 1989. (Série; A Palavra na vida, 17-18).
- PIXLEY, Jorge. *A história de Israel a partir dos pobres*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- ROSSI, Luiz Alexandre Solano. *Os Profetas: Vocação para a liberdade e solidariedade*. São Paulo: Paulus, 2018.
- SCHÖKEL, L. Alonso; DIAZ, J. L. Sicre. *Profetas II*. São Paulo: Paulus, 2015.
- SCHWANTES, Milton. *A terra não pode suportar suas palavras. Reflexão e estudo sobre Amós*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- SICRE, José Luis. *Com os pobres da terra. A justiça social nos profetas de Israel*. Santo André; São Paulo: Academia Cristã, Paulus, 2015.
- SILVA, Aldina da. *Amós, um profeta politicamente incorreto*. São Paulo: Paulinas, 2001
- WOLFF, Walter h. *La hora de Amos*. Salamanca: Editora Sigueme, 1984.
- ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Uma história cultural de Israel*. São Paulo: Paulus, 2013.